



**AUTORIA FEMININA NO CORDEL INDÍGENA:  
Entrevista com Auritha Tabajara**

**FEMALE AUTHOR IN INDIGENOUS CORDEL:  
Interview with Auritha Tabajara**

*Janda Montenegro<sup>1</sup>*

**RESUMO**

Auritha Tabajara é indígena do povo Tabajara, de Iporanga, no Ceará. É escritora, cordelista, autora dos livros *Magistério indígena em versos e poesia*, lançado e adotado pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará, e *Coração na aldeia, pés no mundo* (2018, Uk'a Editorial). Nesta entrevista, realizada por e-mail em fevereiro de 2022, Auritha Tabajara cordialmente responde a questões referentes a seu processo criativo e literário, enfatizando a influência de sua avó para sua iniciação na escrita. Ela ainda comenta como foi escolhida pelo cordel, um universo literário majoritariamente ocupado por homens. Em seu texto, sublinha a importância da valorização identitária dos povos indígenas, bem como a visibilidade e o respeito às pessoas LGBTQIAP+, em especial as indígenas LGBTQIAP+. Por fim, destaca outros escritores indígenas que a inspiram e caminham a seu lado, rumo a uma literatura brasileira que inclua as narrativas originárias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cordel; literatura indígena; Auritha Tabajara; povos originários; literatura brasileira.

**ABSTRACT**

Auritha Tabajara is an Indigenous woman, from Tabajara people, Iporanga, Ceará. She is a writer, cordelist, author of the books *Magistério indígena em versos e poesia*, published and recommended for schools by the Secretary of Education of Ceará, and *Coração na aldeia, pés no mundo* (2018, Uk'a Editorial). In this interview, carried out by email in February 2022, Auritha Tabajara cordially answers questions regarding her creative and literary process, emphasizing the influence of her grandmother for her initiation in writing. She also explains how she was chosen by cordel, a literary universe mostly occupied by men. In her text, she highlights the importance of the identity valorization of Indigenous peoples, as well as the respect and visibility of LGBTQIAP+ people, especially among the female population. Finally, the author points out other Indigenous writers who inspire and walk alongside her, towards a Brazilian literature that includes the original narratives.

**KEYWORDS:** Cordel; Indigenous literature; Auritha Tabajara; native peoples; Brazilian literature.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura Brasileira do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (PPGLEV) na Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [jandamontenegro@letras.ufrj.br](mailto:jandamontenegro@letras.ufrj.br).

**1 – Você lançou seu livro *Coração na aldeia, pés no mundo* há quatro anos, em 2018. Como você vê sua carreira de escritora agora? O que mudou de lá para cá e quais são seus planos para os próximos anos na literatura?**

Escrevo desde os meus nove anos de idade. O livro *Coração na aldeia, pés no mundo* só foi o alavancar para eu ficar mais conhecida. Meu primeiro livro foi lançado em 2007: o livro didático *Magistério indígena em versos e poesia*. O que mudou é que, quando a gente tem oportunidade de chegar a muitos leitores e leitoras e alguém se identifica com a minha escrita, tenho certeza de que preciso escrever mais, que minha voz não é só minha, além de saber que escrevo com as vozes ancestrais. Os próximos planos incluem o filme que ainda não foi lançado e dois livros também para serem lançados. Quero muito também me dedicar agora à escrita sobre nós LGBTQIAP+.

**2 – Tradicionalmente, as culturas indígenas têm uma ligação muito forte com as contações de história e as tradições orais. Quanto dessa herança coletiva reflete na sua obra?**

Sou neta de dona Francisca Gomes Tabajara, hoje com 93 anos, parteira, benzedeira, mezinheira e uma das maiores contadoras de histórias daqui. Isso reflete na minha vida desde sempre, não só nas minhas obras, mas em tudo que faço e penso. Graças às histórias, sabemos e respeitamos o que é sagrado para nós.

**3 – Vamos falar de cordel? Você é reconhecida como a primeira cordelista indígena no Brasil. Uma vez que você mesma disse que forma de escrita não tem dono e que a pessoa deve escrever no formato em que seu dom encontra espaço, quanto você se encontra no formato do cordel para contar suas histórias?**

Os anciões e as anciãs da minha família não sabem ler nem escrever, mas sabem declamar muito bem, então a oralidade e o cordel dialogam e formam um bonito casal. Eu me apaixonei pelo som e o encanto da musicalidade do cordel, mesmo sem saber na infância que o que eu escrevia era cordel. Mais tarde, quando fiquei sabendo, me apaixonei muito mais. Quando percebi que era uma escrita machista, como adoro quebrar padrões, por onde vou passando, vou contando a minha história e passando meu recado em forma de cordel.

**4 – Na sua obra, há a presença das mulheres como vozes narrativas. E você mesma é uma grande ativista, defensora dos direitos das mulheres e de pessoas LGBTQIAP+. Em entrevista ao Itaú Cultural, você diz que sempre procurou ler cordéis escritos por mulheres, mas nunca os encontrou em sua infância, e que, quando uma mulher lê a jornada de outra mulher contada numa história, ela se sente incentivada. Como você sente isso, tanto na sua obra quanto para a Auritha leitora e também para a escritora Auritha?**

Dentro da história, nós sabemos que existiram mulheres que escreviam e suas obras eram publicadas com o nome do marido, como por exemplo a cordelista Maria das Neves Baptista Pimentel. Hoje isso só não continua porque muitas mulheres lutaram para que a nossa história mudasse. Inspiradas, trazendo a voz e a força dessas mulheres, nós batalhamos para que isso não aconteça mais. Eu sei o quanto me inspiram a história de outras mulheres como minha avó Francisca, Eliane Potiguara, Márcia Kambeba, Julie Dorrico, Cacique Pequena, Juliana Jenipapo, Geni Nunes, Ceíça Pitaguary, entre outras. Várias mulheres, inclusive jovens, têm entrado em contato no meu Instagram para falar o quanto a minha escrita é inspiradora para elas, sejam os livros ou os textos que eu declamo por aí fora. Isso me deixa bem mais fortalecida.

**5 – Seu livro fala muito de ancestralidade e resistência, inclusive através da própria escrita e do próprio formato do cordel. Como você vê a abertura das editoras e também dos leitores para as muitas literaturas indígenas publicadas nos últimos anos, especialmente aquelas produzidas por mulheres?**

Ancestralidade é a força da nossa resistência. As editoras precisam publicar as mulheres indígenas, precisam facilitar mais. Tantos textos meus já voltaram por não estarem dentro de um padrão que a editora publica... O livro *Coração na aldeia, pés no mundo*, por exemplo, foi literalmente uma quebra de padrão e deu certo. Hoje ele é selo FNLIJ 2019. Quanto aos leitores, acredito que a percepção muda quando alguém lê uma escritora indígena e um indigenista. Nós contamos nossa verdadeira história vivenciada, o indigenista conta o que ele viu ou acha. Não estou criticando quem escreve sobre os povos indígenas. Só acho que é preciso valorizar mais, ouvir mais, ler mais sobre as culturas e tradições dos povos indígenas.

## **Referência**

TABAJARA, Auritha. *Coração na aldeia, pés no mundo*. Lorena, SP: UK'A Editorial, 2018.